

Um modo ético de habitar é possível?

Claudia ferraz¹

Palavras-chaves:

Biofilia, neuro arquitetura, ecodesign, sustentabilidade e conforto.

“Estar confinado em casa é um incentivo para pensar”² respondeu Alain de Botton para uma entrevista no começo da pandemia do coronavírus. Em sua “filosofia da vida cotidiana”, o filósofo suíço desafia o leitor a ter “viagens no sofá” durante o isolamento como uma forma de organizar a vida. Desenhado no final do século XVII e começo do século XVIII, o sofá era o móvel mais original de sua época e levou a corte francesa a um nível de conforto muito invejado pelas outras cortes. Nenhum móvel criado anteriormente teve tanta propaganda, visitação, reportagens e visibilidade. “O conforto se tornara o grande luxo”³ e possuir um sofá era símbolo de status que rapidamente foi desejado e adquirido pela burguesia enriquecida que provavelmente não o usava para “pensar”. Quase trezentos anos depois, ter um sofá não parece tão original assim, mas ter um sofá para poder pensar a vida tranquilamente, em isolamento, algo que não é possível para a maioria da população, parece agora original e invejável, poder deitar-se num confortável sofá e pensar a vida em isolamento e silêncio sob a ameaça de um vírus invisível.

A relação humana com os lares se intensificou repentinamente, a moradia do isolamento social virou o local

¹Claudia Ferraz é artista plástica, designer de interiores e especialista em História da Arte e Arquitetura. Atua como professora na Universidade Estácio de Sá e no SENAC Rio na área de design de interiores.

² Jornal “O Globo” p.16, caderno especial coronavírus, dia 29/03/2020

De Jean, Joan. “O século do conforto”, p.28. “Todos os homens em todas as sociedades compreendem o luxo. Os homens primitivos tiveram redes para dormir trocadas por peles de animais selvagens: os europeus têm sofás.”

improvisado de trabalho, de sala de aula dos filhos, de academia de ginástica entre outros afazeres que antes eram feitos entre outras paredes, em outros espaços projetados exclusivamente para as atividades fora de casa. As novas necessidades espaciais domésticas apontam para mudanças nos futuros projetos imobiliários. É neste cenário que a questão do morar no mundo contemporâneo se torna também uma questão ética.⁴ Passamos a desconfiar da qualidade das construções, a questionar seus reduzidos espaços e a buscar muitas vezes construções antigas que apesar de suas deficiências tecnológicas continuam a oferecer espaços mais generosos. As estatísticas mostram que passamos 80% a 90% da nossa vida dentro de quatro paredes, eram diferentes paredes antes da pandemia, paredes de escolas, de escritórios, de lojas, de fábricas, paredes dos mais variados tipos. Subitamente ficamos isolados entre as mesmas paredes todos os dias. Olhar para a casa se tornou premente, os profissionais da área, os designers de interiores e os arquitetos exaltam alguns novos e outros não tão novos conceitos, como a neuro arquitetura, o design biofílico, o ecodesign, e a sustentabilidade aplicados nos interiores. Vimos nas duas últimas décadas um interesse crescente por espaços projetados, eles ganharam mais exposição midiática e vários adeptos. Aprendemos numa rapidez virtual que os ambientes podem e devem ser mais amigáveis, saudáveis, práticos e ergonômicos. A busca pelo sol, por uma melhor ventilação, iluminação e silêncio faz o mercado imobiliário se movimentar de uma maneira que parece nova. Morar em coberturas lineares, apartamentos tipo “*garden*” ou em casas nas cidades do interior passaram a ter uma grande procura.

⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89tica> / **Ética** ou filosofia moral é, na filosofia, o estudo do conjunto de valores morais de um grupo ou indivíduo.^[1] A palavra “ética” vem do grego *ethos* e significa *caráter, disposição, costume, hábito*, sendo sinônima de “*moral*”, do *latim* *mos, mores* (que serviu de tradução para o termo grego mais antigo, significando também *costume, hábito*).

A previsão futurística de Marshal McLuhan no final dos anos sessenta, parece ganhar novo fôlego, a ideia de uma *“semi-ruralidade”*: *“contínua, na qual todos os negócios seriam feitos por executivos, assistentes e funcionários trabalhando em seus computadores – e que não precisariam sair de suas casas.”*⁵ Sua previsão foi desacreditada por muitos de seus críticos na época. Sessenta anos depois somado a mais uma pandemia de dimensão global, as ideias de McLuhan parecem tomar mais corpo e consistência que a afirmação do historiador Joseph Rykwert:

“...a noção de que o espaço virtual irá executar em um tempo, as funções da realidade pública tangível vai continuar sendo uma quimera. Nem agora nem em um futuro próximo, não há um modo possível de nos livrarmos do aqui e agora da presença física...”⁶

Nesse momento um vírus nos afasta da presença física, mas quando o mundo voltar ao “normal” esse “normal” será o “normal” McLuhan ou o “normal” pré pandemia de Rykwert?

O que a história nos ensina é que nos últimos trezentos anos a casa virou um local de interesse de uma crescente burguesia ambiciosa aos reis franceses, especialmente para Luís XV que conseguiu durante o seu longo reinado transformar o gigantesco e desconfortável palácio de Versailles em um espaço confortável e prático. Começou quebrando paredes, colocando água encanada e construindo pequenos apartamentos onde a intimidade e a privacidade vão ganhando importância na vida doméstica. Tornar tudo confortável virou uma inspiração para as cortes. Sua maior herança foi uma busca por espaços de dimensões menores e a divisão definitiva entre os espaços públicos, as salas e os privados, os quartos. A casa passa a ter a

⁵ Apud Rykwert, Joseph. “A sedução do lugar”. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2004, p.221.

⁶ Idem p..221.

personalidade do dono e alguns móveis mantêm o nome de suas criadoras até hoje como a chaise longue Duquesse, o pequeno sofá Recamier e o móvel a Marquesa. De espaços de uso genérico passamos a ter espaços de uso fixo, como a sala de jantar, a sala de estar, o escritório, e a suíte que tornava o conforto um luxo desejado. Essa transição acabou por transformar o uso da mobília que agora deixa de ser móvel e é fixada em alguns casos para sempre como os assentos e camas de concreto modernas. Esse despertado interesse pelo modo de morar foi responsável por muita experimentação e aparecimentos de variados estilos de decoração.

No século XXI, os lares continuam se modificando, temos varanda gourmet, closet, home theater, brinquedoteca, cozinha integrada e o espaço office. Devemos muito ao passado recente da arquitetura moderna pelas melhorias de iluminação, ventilação e aquecimento. Os arquitetos modernos liderados pelo pensamento de Le Corbusier, acreditaram em soluções que pareciam criativas e inovadoras para a arquitetura como alguns dos grandes conjuntos habitacionais de baixa renda que acabaram demolidos por se tornarem lugares desconfortáveis e até mesmos inabitáveis. Foi por volta de 1910 que a inovadora arquitetura de Le Corbusier começou a tomar forma, a *“casa como uma máquina de morar”*⁷ iria dominar o mundo pós guerras. Houve perdas e ganhos com a nova casa moderna, a aparente frieza das paredes brancas sem adornos e o sol invadindo os interiores contrastavam com as ideias vigentes de uma grande casa vitoriana, fechada ao sol, com quase nenhuma ventilação e repleta de móveis, tecidos e tapetes que acumulavam muita poeira retirada apenas uma vez por ano. Os arquitetos modernos estavam atentos a ciência e

⁷ <https://www.archdaily.com.br/br/772572/cine-y-arquitectura-especial-le-corbusier>

Documentário: La machine à habiter, Film Le corbusier . sous-titrée en français.La máquina de habitar. subtitles

sabiam da importância para a saúde do equilíbrio entre iluminação e ventilação para os espaços em geral. O que aconteceu durante todo o século XX foram lançamentos imobiliários encolhendo os espaços dos interiores residenciais, aumentando o tamanho das varandas e criando vários espaços em comum dentro dos condomínios. Parece haver uma distância entre a ética profissional das construtoras e a ética em geral. “Entre os gregos antigos, a palavra *ethos* significava, originalmente, a morada do homem, isto é, a [natureza](#)”.⁸ A ideia de morada implica num conjunto de ações consistentes que propiciam a casa ou a morada ser funcional, tornando possível habitar com tranquilidade, com segurança e com felicidade. Durante a Idade Média a ideia do Bem e o Bom se entrelaçavam filosoficamente e um espaço construído deveria ser Belo porque ele nos estimularia a sermos bons e éticos. “Ao admirar a nobre pátina de um antigo assoalho de madeira, não estaríamos mais – afinal de contas – apenas nos deliciando com uma peça de decoração de interiores. Estaríamos tendo uma aula de integridade.”⁹ ter uma bela casa, belos espaços residenciais nos elevavam ética e moralmente. É neste contexto que alguns conceitos como a neuro arquitetura segundo a autora Andrea Paiva, projeta para o ser humano:

“o ambiente construído é capaz de impactar de forma inconsciente o cérebro, permitindo a mudança de comportamento no indivíduo; também é uma ciência que permite ao ser humano desfrutar sensações agradáveis, que proporcionam bem-estar e saúde, aguçando áreas do cérebro, com intuito de transformar espaços físicos em lugares mais agradáveis de se viver.”¹⁰

⁸ Entre os gregos antigos, a palavra *ethos* significava, originalmente, a morada do homem, isto é, a [natureza](#) <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>

⁹ Botton, Alain de. “*Arquitetura da felicidade*”. R.J. Ed. Rocco, 2007, p.58.

¹⁰ PAIVA, Andréa de. *Neurociência para Arquitetura: Como o Design de Edifícios Pode Influenciar Comportamentos e Desempenho*. 2018. 27 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Fundação Getúlio Vargas, FGV, Instituto de Desenvolvimento Educacional, São Paulo, 2018.

A neuro arquitetura mostrou a plasticidade e remodelagem do cérebro a partir do ambiente e dos seus estímulos visuais, cores, formas e texturas. Ambientes instigadores são capazes de aumentar a criatividade aguçando algumas áreas cerebrais. Uma criança em sua fase de crescimento pode ser profundamente impactada pela arquitetura de sua escola e os espaços que a envolvem. Uma arquitetura com relevos em movimento, cores estimulantes e objetos lúdicos que despertam a curiosidade.

A casa contemporânea do século XXI se reinventa a partir de sua própria história, ela usa as ideias modernistas somadas a todo repertório do seu passado clássico e aos novos sistemas tecnológicos de construir. O morar contemporâneo inclui repensar os espaços construídos historicamente e adequar o uso as necessidades atuais. O antigo espaço genérico medieval dá lugar a espaços multiuso ou plurais que possibilitam uma melhor interação entre a vida doméstica, o trabalho e o lazer.

“Para quem busca por praticidade ao morar bem, uma das principais vantagens de se viver em um centro multiuso é poder encontrar “na porta de casa” os mais diferentes serviços, como compras, espaços gourmets, lavanderia, salão de beleza e até consultórios médicos.” ¹¹

Esses empreendimentos tornam nosso deslocamento vertical, é o elevador que nos leva e traz e não o deslocamento horizontal dos transportes. Também inovadora, a *arquitetura biofílica*¹² trabalha com estímulos

¹¹ <https://www.nsctotal.com.br/noticias/multiuso-uma-tendencia-de-empreendimento-que-cresce-no-mercado>

¹² “O termo ‘biofilia’ é traduzido como ‘amor às coisas vivas’ no grego antigo (philia = amor a / inclinação a). Embora o termo pareça relativamente novo e esteja se tornando uma tendência gradual nos campos da arquitetura e design de interiores, a biofilia foi usada pela primeira vez pelo psicólogo Erich Fromm em 1964 e depois popularizada nos anos 80 pelo biólogo Edward O. Wilson, detectando como a urbanização começou a promover uma forte desconexão com a natureza.”

visuais, a sua diferenciação está no tema principal, a biofilia quer a natureza presente, seja de modo natural com jardins verticais, vasos de plantas ou de modo artificial, através de revestimentos e texturas que imitam a natureza nos interiores. Essa natureza introduzida propositalmente nas edificações comerciais para aumentar a produtividade, relaxa o corpo, alivia as tensões diárias, ajuda a acalmar a mente clareando as ideias e o foco. O que os dois conceitos têm em comum são colocar o ser humano como o protagonista de espaços éticos tanto residenciais quanto comerciais.

Ao sentar-me de manhã cedo em frente a recepcionista do laboratório para tirar sangue reparo que o balcão é feito de bambu prensado¹³ e fico feliz de estar numa empresa que parece estar comprometida com a sustentabilidade, e me veem imediatamente no pensamento as palavras do seu maior defensor Victor Papanek: *“Talvez não devesse existir a categoria especial chamada “design sustentável”*.”¹⁴ Originária da década de 70, a ideia de sustentabilidade vai dar corpo ao ecodesign que precisou de muitos esforços ao longo desses anos todos para se inserir com mais presença nos interiores e exteriores. O bambu como vários outros materiais ecologicamente processados e desenvolvidos para substituir matérias primas com a madeira, precisam usar o marketing verde num apelo pelo planeta. Alguns designers e arquitetos trabalham eticamente o conceito de sustentabilidade em seus projetos querendo despertar um desejo no cliente em abraçar o ecodesign, mas

<https://www.archdaily.com.br/br/927908/os-beneficios-da-biofilia-para-a-arquitetura-e-os-espacos-interiores>

¹³<https://oglobo.globo.com/economia/imoveis/bambu-prensado-alternativa-sustentavel-ao-uso-de-madeira-convencional>

¹⁴ Papanek, Victor. *“Arquitetura e design, ecologia e ética”*. Lisboa, Ed. Edições 70, 2007, p.14.

acabam esbarrando em questões ora econômicas ora culturais.

A casa do futuro no século XXI começou a ser desejada e prevista já no século passado, a partir dos anos 60 ela prometia ser muito eficiente tecnologicamente:

“Em 1967, um jornalista chamado Walter Cronkite apresentava um programa chamado “O século 21” na rede de televisão norte-americana CBS. Nas noites de domingo, Walter mostrava aos telespectadores alguns possíveis avanços tecnológicos que poderiam ser vistos nos próximos 30 ou 40 anos.”¹⁵

Os aparelhos preconizados por Walter parecem ingênuos hoje, mas ele acertou na ideia do *home office*, ele acreditava que o trabalho iria ser feito de casa, não precisando mais se deslocar. Na mesma década a influência do desenho animado da futurística família Jetsons¹⁶ nos lares americanos era sentida como algo muito distante de qualquer realidade. A casa era desenhada como um futuro satirizado, com seus robôs domésticos, carros voadores, vídeo chat e uma jornada de trabalho de Três horas. A família parecia viver num mundo ideal, sem muito esforço físico, uma roupa futurista e muito tempo para desfrutar. Alguns anos antes dos Jetsons aparecerem o cineasta francês Jaques Tati, em seu famoso filme “*Meu Tio*”¹⁷, retrata de modo bem original a rica casa modernista em contraste com as casas pobres da periferia. No filme a casa moderna é totalmente automatizada, realiza todos os serviços necessários como acender as luzes, ligar o chafariz, abrir o portão da garagem como se fosse mágica. A casa deixava do lado de fora de seus muros tudo que fosse caótico, barulhento e pouco prático. O tio pobre é o visitante que investiga a casa do

¹⁵<https://canaltech.com.br/internet/Video-de-1967-mostra-como-seria-a-casa-futurista-no-seculo-21/>

¹⁶<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2012/09/26/quais-previsoes-dos-jetsons-ja-existem.html>

¹⁷ <https://www.archdaily.com.br/br/01-43127/cinema-e-arquitetura-mon-oncle>

parente rico com a curiosidade de uma criança e logo vemos uma casa que produz seus próprios barulhos com móveis desconfortáveis e sensores que não funcionam direito.

No século XXI, a casa dos Jetsons e de Tati não são mais um mundo da ficção científica, a tecnologia criou casas inteligentes, a *domótica*¹⁸ traz o conforto com o apertado de um botão de meu celular. Hoje a casa fala com seu proprietário, tem uma voz com personalidade, podemos falar em vídeo chat e temos alguns robôs domésticos para nos ajudar, mas assim como nos filmes não é uma realidade para os bilhões de seres humanos que ainda vivem em condições precárias.

No conforto do meu sofá, me espreguiço e filosofo nas palavras de Alain de Botton: será a casa é capaz de: *“curar os traumas gerados por uma era de mudanças brutais e rápidas.”*¹⁹ E finalizo este texto apenas com duas certezas, uma casa que não é digna de ser habitada não pode ser considerada um lar e que projetar para o mundo pós pandemia se tornou um grande desafio ético.

¹⁸ <https://estudiohome.com.br/blog/domotica-conheca-os-conceitos-da-automacao-residencial>

Automação residencial (domótica) é uma tecnologia recente que permite a gestão de todos os recursos habitacionais. O termo “domótica” resulta da junção da palavra “domus” (casa) com “robótica” (controle automatizado de algo). É este último elemento que rentabiliza o sistema, simplificando a vida diária das pessoas, satisfazendo as suas necessidades de comunicação, de conforto e segurança. Quando surgiu (com os primeiros edifícios, nos anos 80), pretendia-se controlar a iluminação, as condições climáticas, a segurança e/ou a interligação entre todos esses elementos.

¹⁹ Botton, Alain de. *“Arquitetura da felicidade”*. R.J. Ed. Rocco, 2007, p.118.